

O IMPACTO DA CIÊNCIA NA APLICAÇÃO: RUA DE MÃO ÚNICA?^{1,2}
THE IMPACT OF SCIENCE ON APPLICATION: A ONE-WAY STREET?

MURRAY SIDMAN

SARASOTA, FLORIDA, USA

RESUMO

A relação entre pesquisa básica e aplicação não é uma rua de mão única. Como em toda ciência, a pesquisa comportamental básica está preocupada com fenômenos que são acessíveis à observação no dia a dia. Todo mundo sabe que as pessoas aprendem, que se lembram, que símbolos desempenham papéis importantes em suas vidas, que recompensas e punições influenciam o que fazem, que interagimos socialmente, que nos comunicamos por meio de palavras faladas e escritas, e assim por diante. Esses fenômenos são tão óbvios para todos como o nascer e o pôr do sol, a relação entre nuvens e chuva, a dependência da vida da alimentação, a queda de objetos não sustentados e assim por diante. A ciência não aceita a linguagem descritiva ou as técnicas de observação do dia a dia que esses fenômenos geraram, mas nenhuma ciência que ignora os fenômenos e a linguagem da vida cotidiana continuará recebendo apoio público. Uma ciência de análise do comportamento deve continuar a retirar sua inspiração, para a pesquisa básica, de fenômenos que observamos fora do laboratório.

Palavras-chave: ciência, psicologia aplicada, pesquisa básica

ABSTRACT

The relation between basic research and application is not a one-way street. As in every science, basic behavioral research is concerned with phenomena that are available to everyday observation. Everybody knows that people learn, that they remember, that symbols play important roles in our lives, that rewards and punishments influence what we do, that we interact socially, that we communicate through spoken and written words, and so on. These phenomena are as obvious to everybody as the rising and setting of the sun, the relation between clouds and rain, the dependence of life upon food, the fall of unsupported objects, and so on. Science does not accept the everyday descriptive language or the everyday techniques of observation that such phenomena have generated, but no science that ignores the phenomena and language of everyday life will keep on receiving public support. A science of behavior analysis must continue to derive its inspiration for basic research from phenomena that we observe outside the laboratory.

Keywords: science, applied psychology, basic research

Nenhuma honraria poderia me agradar mais do que esta. Eu sempre nutri a convicção de que a principal função da pesquisa básica é prover conhecimento que leve à aplicação. Sim, o conhecimento deve ser valorizado por si mesmo e sua produção potencial é razão suficiente para se apoiar a pesquisa. Mas como a sociedade vem a valorizar o conhecimento por si mesmo? As conseqüências da pesquisa básica, que chamamos de “conhecimento”, se tornaram valiosas porque têm levado aos muitos reforçadores subsequentes que a aplicação tem tornado pos-

síveis. Conhecimento se tornou, por meio disso, um reforçador generalizado em nossa comunidade. Pesquisadores comportamentais em pesquisa básica que desvalorizam a pesquisa aplicada e a aplicação ignoram princípios básicos que explicam tanto porque a sociedade continua apoiando pesquisas desenvolvidas inicialmente só para produzir mais conhecimento quanto porque a sociedade não mantém seu apoio à ciência cuja produção julga estéril.

A relação entre pesquisa básica e aplicação, no entanto, não é de mão única. Por

¹ Este artigo foi apresentado na ocasião do recebimento do prêmio pelo Impacto da Ciência sobre a Aplicação da Society for the Advancement of Behavior Analysis na reunião anual da Association for Behavior Analysis, Chicago, 2008. Correspondência com o autor e-mail: murraysidman@comcast.net. Artigo convidado para publicação simultânea na Revista Brasileira de Análise do Comportamento (em Português) e no The Behavior Analyst (em inglês).

² Traduzido por Maria Silvia Ribeiro Todorov.

exemplo, como pode um pesquisador básico decidir que problemas atacar? Vicki Lee (1988, pp., 18-26) escreveu, “A investigação científica começa com fenômenos acessíveis a observadores comuns. ... Começa também com uma linguagem acessível a falantes comuns.” Lee observou que, do mesmo modo como o conhecimento científico emerge do conhecimento de senso comum, “Uma psicologia científica deve emergir da psicologia de senso comum.” Essa psicologia e sua linguagem se desenvolveram a partir da experiência comum. Se uma ciência ignora essa experiência será descartada como irrelevante à vida cotidiana.

Isso não significa que a ciência comportamental deve adotar descrições e explicações de senso comum. As técnicas de investigação sistemática – experimentação, replicação, inovação metodológica e terminológica, integração teórica, e assim por diante - aperfeiçoam nossa compreensão dos fenômenos comuns a ponto de podermos usar nossa compreensão para mudar vidas para melhor. Ao decidir quais problemas de pesquisa atacar, entretanto, temos que começar com fenômenos que são tão importantes para a vida do dia a dia que já geraram seus próprios vocabulários descritivos e explicativos.

Temos muitos exemplos de como a análise do comportamento extraiu conhecimento especializado e mais útil da compreensão do dia a dia, mas posso falar com mais confiança sobre as fontes de algumas de minhas próprias decisões de pesquisa. Por exemplo, meu trabalho em controle coercitivo surgiu de meu interesse em comportamento que era comumente chamado de “doente”. Eu senti que a validação experimental de algumas das conjecturas poeticamente inspiradoras de

Freud tornaria muito do comportamento obviamente anormal mais compreensível e passível de mudança. Nossa ciência do comportamento, entretanto, começou rejeitando qualquer discussão de modos de falar não científicos sobre comportamento previamente existente de modo que, para usufruir a aplicação desse aspecto de meus próprios interesses, tive que esperar por uma publicação que não sofreu os constrangimentos da comunicação científica - meu livro sobre coerção (Sidman, 1989).

Uma fase posterior de minhas pesquisas lidou com pessoas que tinham sofrido derrame cerebral e que subsequentemente não podiam falar e/ou entender a fala. Essas mudanças de comportamento eram óbvias, mesmo para as “pessoas na rua”, e tinham, por muito tempo, provido o ímpeto para a pesquisa neurológica. Minhas experiências com pacientes que sofreram derrame teriam sido suficientes para me convencer a deixar de lado argumentos de que o sistema nervoso central é irrelevante para o estudo do comportamento. Colaboração com pesquisadores do sistema nervoso central apresentaria muitas oportunidades para refinar e elaborar o significado das descobertas neurológicas. Estou muito consciente de que como eu nunca ampliei minha pesquisa analítica sobre desordens comportamentais provocadas por derrame cerebral essa pesquisa permanece amplamente desconhecida mesmo entre analistas comportamentais.

Gostaria que tivesse tempo para introduzir agora, em minha discussão, a pesquisa sobre equivalência. As observações quotidianas cruciais deram origem a termos da linguagem comum como significados, símbolos e referentes. Sei que esses termos deixam muitos analistas do comportamento desconfortáveis. Dei-

xem-me só indicar a vocês as páginas finais do meu livro sobre equivalência (Sidman, 1994) nas quais eu discuto esses assuntos com o falecido, notável Willard Day. Citarei somente algumas sentenças, mudando ligeiramente sua sequência original:

“O que eu tenho feito é usar a formação de relações de equivalência para ajudar a explicar o que está acontecendo quando as pessoas falam sobre palavras, significados, símbolos e referentes. ... As pessoas sempre irão perguntar sobre e atribuir significados. Uma ciência do comportamento que lhes peça que parem de fazer isso não somente está se expondo ao escárnio mas é, provavelmente, suicida. O que aconteceria se astrônomos decretassem ser ilegal falar sobre pores-do-sol?... ciência do comportamento tem que fazer contato com a vida do dia a dia para ser tratada respeitosamente e se é, também, para ter efeito no mundo.”

Embora nós, certamente, não devamos usar termos como significados, símbolos e referentes como explicações de comportamento, esses termos são, eles mesmos, comportamentos. Como tal, requerem explicação por analistas do comportamento; por que as pessoas dizem essas palavras? Eu penso que essas são as direções que a pesquisa básica deve seguir.

REFERÊNCIAS

- Lee, V. L. (1988). *Beyond behaviorism*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Sidman, M. (1989; revised 2000). *Coercion and Its Fallout*. Boston: Authors Cooperative.
- Sidman, M. (1994). *Equivalence relations and behavior: A research story*. Boston: Authors Cooperative.

Artigo convidado
 Recebido em 19 de junho de 2008